

dem auscultar – a linguagem tensa, breve, a inclinação para o aforístico servem essa dimensão metapoética de Cícero (“A propósito do costume / talionador de executarem-se / os condenados nos lugares / em que se sabe ou se presume / terem cometido algum crime / Montaigne pensa que os pobres-diabos / a caminho do cadafalso / mal tenham olhos para o tigre / da alvorada, a saltar do fundo / da noite e afundar na pintura / do dia. / Eis o sol: com a cara / na vidraça da van, calculo / o ouro diáfano e a doçura / dessa manhã que me afanaram”).

Paráfrase subtil de outros poetas, Cícero relê mitos (Medusa, por exemplo), reelabora tópicos literários, como no extraordinário poema “Huis Clos”, e constrói, como Ajax pedindo a Zeus não pela sua vida, mas pela vida – no caso de Cícero – dos seus versos – uma figura de sujeito, de poeta, que se alimenta da aceitação da existência, com tintas que se cruzam (estoicismo, epicurismo, certo fundo sacral que vem do espírito das florestas, xamanístico, índio) e fazem da sua arte uma das mais delicadas moradas da poesia em português. Um exemplo, entre tantos, para mostrar essa delicadeza do verso, da estrofe, das imagens, do encadeado sintático, dessa quase performatividade textual (o desenho gráfico a isto convida) é “Poema”, uma de várias artes poética: “Segredo não é, conquanto oculto; / mas onde oculto, se o manifesta / cada verso seu, cada vocábulo, / cada sílaba, cada fonema?” (p.139).

Mas talvez aí encontremos num poema dedicado a Eucanã Ferraz a síntese total desta poesia a um tempo reflexiva e prazerosa, atenta à paisagem de Brasis e interiori-

dades diversas; poesia do desejo, da ânsia e fascínio do amor-sexo, poesia corpórea, por isso do corpo verbal, que se maneja, dúctil; poesia ora de densa alegria, de simples aprendizagem, ora da mais cruel maturidade, ciente da morte. Este o poema que, deste breve e belo livro, pode funcionar como convite: “Por que não me deitar sobre este / gramado, se o consente o tempo, / e há um cheiro de flores e verde / e um céu azul por firmamento / e a brisa displicentemente / acaricia-me os cabelos? / E por que não, por um momento nem me lembrar que há sofrimento / de um lado e de outro e atrás e à frente / e, ouvindo os pássaros ao vento / sem mais nem menos, de repente / antes que a idade breve leve / cabelos sonhos e devaneios / dar a mim mesmo este presente?” (p.138).

Para esse sujeito que passa a noite a escrever seus “versos de cristal”, a poesia será, porventura, esse ato de guardar, na cidade invadida pela incúria e pela degradação, os livros. Lição clássica ainda: o poeta é um guardador e Cícero sabe disso. JL



> Antonio Cícero
GUARDAR. A CIDADE E OS LIVROS. PORVENTURA
Imprensa Nacional, 170 pp, 20 euros

levariam os jovens atraídos pelo desenho a ter curiosidade em ler a obra “verdadeira”. Boa sorte com isso. Talvez já não seja bem assim, mas nestas adaptações é raro haver um rasgo em termos da linguagem específica, e o trabalho de García, sendo digno e escorreito, não é exceção. Em termos gráficos a planificação, o uso da cor (passado/presente) e o traço são o mais clássico possíveis. Mas a BD é muito eficaz a retratar a viagem (a todos os níveis) de Javier Cercas, e a mais não era obrigada.

Estes exemplos que vêm de Espanha podem ser relevantes para todos quantos se interessam pelo revistar de memória numa altura em que em Portugal timidamente se tenta o mesmo exercício, quer com a Guerra Colonial, quer com as viagens marítimas de há séculos que, num certo sentido, a antecederam. Mas é, desde logo, necessário falar nisso. Se a obsessão de Espanha pelo “seu” tema parece pouco saudável, a ignorância calculada sê-lo-á ainda mais. JL



> Argumento e desenhos de José Pablo García, adaptando o romance de Javier Cercas
SOLDADOS DE SALAMINA
Porto Editora. 152 pp., 18,80 euros

02 JUN → 23 AGO 2021

TUDO

AURÉLIA DE SOUSA

MILY POSSOZ

ROSA RAMALHO

MARIA LAMAS

SARAH AFFONSO

OFÉLIA MARQUES

MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

MARIA KEIL

SALETTE TAVARES

MENEZ

ANA HATHERLY

LOURDES CASTRO

HELENA ALMEIDA

PAULA REGO

MARIA ANTÓNIA SIZA

ANA VIEIRA

MARIA JOSÉ OLIVEIRA

CLARA MENÉRES

GRAÇA MORAIS

MARIA JOSÉ AGUIAR

LUIA CUNHA

ROSA CARVALHO

ANA LÉON

ÂNGELA FERREIRA

JOANA ROSA

ANA VIDIGAL

ARMANDA DUARTE

FERNANDA FRAGATEIRO

PATRÍCIA GARRIDO

GABRIELA ALBERGARIA

SUSANNE THEMLITZ

GRADA KILOMBA

MARIA CAPELO

PATRÍCIA ALMEIDA

JOANA VASCONCELOS

CARLA FILIPE

FILIPA CÉSAR

INÊS BOTELHO

ISABEL CARVALHO

SÓNIA ALMEIDA

ARTISTAS PORTUGUESAS
DE 1900 A 2020

O QUE EU

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

QUERO

ENTRADA
GRATUITA

WANT

GULBENKIAN.PT

2021PORTUGAL.EU

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURAPATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural